

EDITORIAL

O presente número da *REAP/JAPS* conta, desde logo, com quatro artigos que assentam claramente em perspectivas definidoras dos Estudos Anglo-Portugueses: comparativismo, influência e recepção. Ao reflectir sobre a essência da Literatura Comparada, George Steiner (1978) considerava a prática comparatista um elemento intrínseco a todo e qualquer processo hermenêutico. De facto, os estudos – literários e culturais – comparados desempenham um papel crucial ao explorarem a forma como diferentes textos, estéticas literárias e tradições culturais se interrelacionam e se influenciam mutuamente, contribuindo a sua análise para uma melhor compreensão da interculturalidade. Neste contexto, o artigo de Márcia Lemos – **“On How Imagination Can Bring Sustainability to Facts: *Finnegans Wake* and *História do Cerco de Lisboa* Revisited”** constitui um exemplo paradigmático, pois a perspectiva comparada contribui para um entendimento mais profundo das duas obras em questão, dos contextos histórico-culturais irlandês e português (não obstante o facto de as narrativas se situarem em épocas muito distintas) e, sobretudo, para a sustentabilidade da memória e da preservação da herança cultural, mediante o registo de várias vozes e da existência de múltiplas possibilidades interpretativas face à complexa tessitura da História de ambos os países.

Na mesma senda, o comparativismo afigura-se crucial para o estudo da influência e da recepção (tradutiva, crítica e criativa) de obras literárias em diferentes tempos e espaços. Assim, em **“Notas sobre os Sonetos Ingleses de um Poeta Português: 35 *Sonnets* de Fernando Pessoa”**, Gonçalo Santos Dias analisa a influência da literatura (e da língua) inglesa na criação poética de Pessoa. Por seu turno, Em **“What’s in a title?: *Sonnets from the Portuguese* (1850), de Elizabeth Barrett Browning enquanto Pseudotradução (Camoniana) e Pseudo-antologia de Cariz Anglo-Português”**, Rogério Miguel Puga, na evocação dos 500 anos do nascimento de Camões, discute a possível influência da lírica camoniana nos célebres *Sonnets from the Portuguese*, equacionando a hipótese de se tratar de uma pseudotradução. Finalmente, em **“Recepção da Obra de Milton em Portugal – Algumas Achegas (II)”**, Jorge Bastos da Silva examina a recepção

de John Milton, sublinhado não só as alusões ao poeta em textos literários e críticos portugueses, mas também o papel desempenhado pelas traduções indirectas, nomeadamente do francês e do italiano. De facto, a mediação – e o estatuto de (pseudo)mediador – constitui um processo de extrema importância no âmbito dos estudos interculturais e, portanto, dos Anglo-Portugueses. Sabendo que a transferência interlinguística se afigura uma componente vital na evolução das culturas, as (pseudo)traduções cumprem uma função decisiva não só nas relações interculturais, mas também na representação e na reinterpretação de Outra cultura. Neste sentido, a mediação textual e os mediadores (ou intermediários) condicionam inevitavelmente a recepção de uma determinada imagem. Aliás, o acto de recepção é, em si mesmo, comparativo, pois não existe uma recepção totalmente inocente ou desprovida de influências anteriores, tal como os artigos em apreço demonstram.

Os Estudos Anglo-Portugueses vão ainda mais longe, pois afiguram-se transdisciplinares, também por definição, ao transgredirem as fronteiras disciplinares com vista a uma compreensão mais profunda e alargada dos textos seleccionados. Deste modo, a perspectiva anglo-portuguesa permite abordar questões assaz complexas, que carecem justamente de abordagens pluri- e transdisciplinares, mediante a intersecção de diferentes áreas do saber. Tal se verifica nos textos de Gabriela Gândara Terenas – “*Visual Perceptions and Written Impressions of the First World War at the Time of Portuguese Modernism: Anglo-Portuguese Military Intervention*” – e de Ana Rita Pereira Brettes – “*Unveiling Identity and Otherness in War Exile: An Anglo-Portuguese Perspective*” –, nos quais, a propósito dos dois conflitos mundiais, as análises apresentadas decorrem de múltiplos cruzamentos, nomeadamente entre os registos da memória, as narrativas de cariz historiográfico, a meta-história, os discursos visuais, as técnicas jornalísticas e os processos de (des)construção de identidades e alteridades. Também em “*O Terramoto de Lisboa de 1755 no Imaginário Gótico Britânico: uma Leitura de The Nun of Miserecordia (1807), de Sophia Frances*”, Maria Zulmira Castanheira, tendo como ponto de partida o impacte traumático do

Terramoto de Lisboa na literatura inglesa, explora a forma como uma narrativa ficcional cujo pano de fundo é um acontecimento histórico dele se apropria com vista à construção de um romance gótico (*female gothic*). Em total correspondência com gosto do público leitor coevo, em particular do feminino, o género instituiu-se ainda como um espaço de afirmação da identidade e dos valores britânicos, nomeadamente quando a trama se desenrolava em países católicos e do Sul da Europa. A escrita de (e sobre) mulheres, desta feita integrável nos *Queenship Studies* assume particular importância na recensão crítica “Sophie Shorland. *The Lost Queen: The Surprising Life of Catherine of Braganza, Britain’s Forgotten Monarch*. London: Atlantic Books, 2024. 332 páginas” da autoria de Maria da Conceição Emiliano Castel-Branco. A visão anglo-portuguesa de uma personalidade feminina da Histórica fica, assim, enriquecida mediante o cruzamento da perspectivas literárias, políticas, sociais ou diplomáticas com o intuito de (re)valorizar o papel das mulheres no contexto de estruturas durante muito tempo dominadas pelos homens.

Dando continuidade à análise, por um lado, dos processos de (des)construção de identidades e alteridades referidos e, por outro, à escrita de mulheres, mas centrando-se no paralelismo estabelecido entre os relatos de viagem no feminino e os discursos coloniais, Isabel Oliveira, em “Particular Ways of Seeing: British Women in Portugal at the Beginning of the 19th Century”, estuda a forma como o Outro (o português) é percebido enquanto algo exótico, não parecendo pertencer a um país europeu, mas antes a um território longínquo, onde os nativos careciam de ser civilizados/colonizados; ou como uma criança, cujo comportamento só se compreendia justamente pelo facto de ainda não ter atingido a idade adulta, evocando não só o pensamento de Edward Said, mas também, ainda que implicitamente, o dos defensores da denominada “peculiar institution”. De facto, Said, em *Orientalism* (1978) e em *Culture and Imperialism* (1994), conferiu particular ênfase à dimensão político-ideológica que enforma a representação discursiva, sublinhando a importância das circunstâncias históricas, sociais e políticas de que resulta uma dada representação, a qual só pode ser entendida no contexto de

realidades mais amplas, como, por exemplo, a detenção e o exercício do poder. Dito de outra forma, a desigualdade entre povos, a ligação entre o poder e o conhecimento e, sobretudo, a relação entre cultura e hegemonia político-económica condicionam sobremaneira as representações do Outro.

A visão do Outro como inferior (“dago”) é retomada em **“Madeira, the ‘dagos’ and the Other Winston Churchill”** da autoria de **David Evans**. A pretexto de uma viagem à Madeira, que constituiu o cenário de um dos seus contos, o artigo dá a conhecer um outro Winston Churchill, o então popular romancista norte-americano, muitas vezes confundido com o célebre estadista homónimo, que também visitou a ilha da Madeira e cuja presença é celebrada por uma estátua na vila de Câmara de Lobos e um hotel com o seu nome. A ilha surge como o cenário pitoresco e exotizado da narrativa do romancista na qual os habitantes locais são claramente retratados como seres inferiores.

A temática da sublaternização do português a propósito do relato de uma viagem à Madeira é igualmente referida por **Miguel Alarcão** em **“Britannia Rules the Waves, From China to Peru: Thoughts Concerning Lord Anson’s A Voyage Round the World... (1748)”**, na secção de “Projectos”. Aqui, o autor propõe um olhar mais atento, comparativo e crítico sobre a história dos impérios português e britânico (entre outros) desde as suas origens até ao final do século passado. Coincidentemente, este desafio encontra, em parte, uma resposta na obra de Malyn Newitt recentemente dada à estampa e objecto de uma revisão crítica da autoria de **Paulo Jorge de Sousa Pinto** em **“Malyn Newitt, Navigations – The Portuguese Discoveries and the Renaissance**. London: Reaktion Books, 2023, 352 pp. ISBN 9781789147025”.

Setembro de 2024
Gabriela Gândara Terenas